

INTERVENÇÃO 25 DE ABRIL

Ex.mo sr presidente da assembleia municipal de Aveiro

Exmo sr presidente da câmara municipal,

Srs vereadores,

Srs Membros da AM

Ilustres Srs convidados,

Minhas Sras e meus Srs

Falar d “As Portas que Abril Abriu”¹ não será possível sem evocar as palavras dos poetas. Nesse propósito referir o nome de Ary dos Santos na pessoa e na dedicação de tantos, citando uma pequeníssima estrofe:

" dentro de um povo escravo alguém que lhe queria bem um dia plantou um cravo² ".

Ainda que gatinhando, tantas vezes tropeçando, abril trouxe-nos nas suas canções, o cheiro e a cor da liberdade. Deste modo a democracia se fez Escola.

Para os mais novos é impossível imaginar, sequer, o anacronismo do Portugal de antanho. Anestesia cívica. Repressão. Censura. Humilhação. Vidas desperdiçadas. Por isso, aos jovens de hoje queremos lembrar que Portugal deve a sua liberdade a um punhado de destemidos soldados que em 25 de abril de 1974 eram jovens e estavam em minoria. Partiram naquela madrugada de peito aberto a todas as circunstâncias. O exemplo dos jovens militares de então deveria ser garante suficiente para que este país se mantenha fortalecido na esteira do progresso, da justiça, da inclusão e da coesão. Mas, será que é por aí que hoje vamos, perguntamos.

Hoje, perante as nossas maiores dúvidas recordamos Espinosa. Ele nos ensinou que “a paz não é só a ausência de guerra, é uma virtude”³. A paz é “um estado de espírito, uma disposição para a benevolência, a confiança, a justiça.” - dizia. E, como poderia ser diferente com a liberdade? Como poderia ser diferente com a democracia?

A democracia evolui e transforma-se com os tempos e a sociedade.

Hoje em dia, existe uma tendência para “sobressimplificação”. Tal como acontece em matemática e física, quando se exagera nos processos de “simplificação” corremos o risco de

¹ *As Portas Que Abril Abriu* (1975), José Carlos Ary dos Santos

² *As Portas Que Abril Abriu* (1975), José Carlos Ary dos Santos

³ *Tractatus Theologico-Politicus* (1670), Baruch Espinoza

chegar a resultados que pouco resolvem os problemas que necessitamos. Em democracia, tal não pode acontecer!

O progresso tecnológico e a rapidez da informação também é um desafio. É essencial dotar os cidadãos de competências para escrutinar a informação que lhes chega. A capacidade de verificar a informação e de fazer uma análise crítica, é a única forma de defesa contra “factos alternativos”, discursos falaciosos, simplificações perigosas e “sentimentos noticiosos”.

Não pode, assim, haver uma democracia forte sem educação de qualidade. Mas, também não é possível haver educação de qualidade se não houver pão, saúde e habitação (tal como na canção celebrizada por Sérgio Godinho⁴).

Este é talvez o maior desafio de todas as democracias: porque basta falhar um destes pilares (a paz, o pão, a saúde ou a habitação) para que a democracia esteja ferida com gravidade.

Pela nossa parte manter-nos-emos, teimosamente, no caminho do cuidar. Pelo bem-estar, a saúde e a liberdade de todos: Pessoas, Animais, Natureza.

Perante a emergência climática, declínio da biodiversidade e da paisagem, confrontando-nos, agora, com um país onde a saúde mental e a felicidade vêm a diminuir ano após ano.

Continuaremos a empenhar-nos na defesa do espírito de abril, indo para além da justa defesa das pessoas, da habitação, do ambiente e de um clima estável, seguindo na salvaguarda do vínculo com os restantes animais. Uma responsabilidade que faz eco da mudança de paradigma necessária: reconhecendo o direito dos animais a uma existência digna e em liberdade, atentos aos laços que unem o ser humano aos animais, tantas vezes a companhia das pessoas mais sós ou vulneráveis. Urge o reconhecimento de famílias multiespécie, onde pugnamos por garantir um espaço seguro e de liberdade a pessoas não humanas.

Opomo-nos, ainda, de forma determinada, à falta de condições de regulação, de políticas de proteção, de saúde e de bem-estar para os animais de pecuária. Isto de entre outros tantos exemplos. Para o PAN fica claro que face a esta emergência, toda e qualquer ação em prol destes se reveste de significado político. Lembramos que no tocante ao sofrimento animal, a transformação da forma como são tratados os animais nas explorações intensivas e super intensivas.

Reconhecemos nos animais a mesma igualdade que Zeca Afonso cantou⁵, tal como ao nosso semelhante.

Para aqueles que pensam que é exequível haver bons empregos num planeta desértico, para os outros que acreditam que é possível crescer infinitamente num planeta finito em

⁴ *Liberdade*(1974), Sérgio Godinho

⁵ *Grândola, Vila Morena*(1971), Zeca Afonso

recursos: o resultado disso é o degelo, a subida da temperatura média da terra e as ilhas de plástico nos oceanos....

Para os que insistem em negar a emergência ambiental e climática, e para os que acham que “a democracia não é solução”, digo alegremente: “Não me obriguem a vir para a rua⁶”, que “a cantiga é uma arma,... tudo depende da raiva e da alegria⁷”.

Hoje, 50 anos depois, terminamos afirmando que “Abril” é uma herança que vale a pena, para construirmos um país melhor para todos: Pessoas – Animais- Natureza.

Precisamos de levar abril à natureza

Viva a liberdade, viva o 25 de abril

⁶*Venham mais Cinco* (1973), Zeca Afonso

⁷ *A Cantiga É Uma Arma* (1973), José Mário Branco